

EDUCAÇÃO POPULAR: UM RELATO DA EXPERIÊNCIA DA ASSOCIAÇÃO EDUCACIONAL PAULO FREIRE

Edimilson Lino Guilherme¹
 Fernanda Bernardes de Assis²
 Rosa Maria Ferreira³

RESUMO: *Este trabalho tem o objetivo de relatar a experiência de um projeto em desenvolvimento, qual seja, o Projeto Pré-vestibular Alternativo, que nasceu do esforço de um grupo de pessoas interessadas em intervir na realidade educacional de Uberlândia, no intuito de proporcionar aos jovens e aos adultos a oportunidade de se prepararem e concorrerem em iguais condições às vagas na UFU. Tentamos sistematizar algumas das discussões feitas até o momento, procurando refletir sobre os caminhos trilhados e os desafios postos na direção de transformar a realidade de exclusão a que vivenciam uma grande parcela da sociedade. Com uma perspectiva de educação popular, nossos esforços estiveram, ao longo de quatro anos, direcionados para a formação cidadã dos educandos, promovendo diversas atividades, interagindo com alunos, professores e demais colaboradores. O objetivo maior dessa intervenção é a luta constante pela escola pública, gratuita e de qualidade, direito do cidadão e dever do estado.*

RECORDANDO....

O significado hoje de intervir socialmente, visando transformar a realidade que aí está, coloca-nos um grande desafio: “nadar contra a maré”, principalmente, num setor como a educação que, por um lado, sofre cortes drásticos no seu orçamento em todas as esferas públicas; mas, por outro, vive o bombardeio de intensas propagandas anunciando a tão aclamada “revolução na educação”, que não consegue se firmar enquanto discurso neoliberal, diante da realidade excludente que vivenciam jovens e adultos oriundos de classes populares.

Esse sentimento de indignação nos motivou a intervir nesta realidade educacional, a fim de podermos contribuir e fomentar ações para modificar os rumos desta política educacional per-versa que marca a sociedade brasileira.

A Associação Educacional Paulo Freire nasceu desse desejo de mudança, da necessidade que os seus primeiros idealizadores foram formando, nas discussões feitas nos finais de semana, na disposição em estar longas tardes discutindo e formulando um projeto de atuação, que não fosse apenas um esforço intelectual, mas que pudesse ser recriado nas experiências cotidianas.

Tínhamos o sonho de construir algo alternativo⁴ ao que existia em relação aos cursos preparatórios privados, não queríamos ser apenas mais um “cursinho”, sentíamos a necessidade de nos aproximar das classes populares. Embora muitos dos integrantes do grupo fossem militantes de diferentes segmentos sociais, chocava-nos a dificuldade de muitos jovens: amigos, parentes e

¹ Professor de História e Coordenador da Associação Educacional Paulo Freire.

² Aluna do Curso de Psicologia da Universidade Federal de Uberlândia e Coordenadora do Projeto Pré-vestibular Alternativo.

³ Pedagoga e Coordenadora do Projeto Pré-vestibular Alternativo.

⁴ Nesse período, assistia-se a proliferação de cursos pré-vestibulares alternativos em algumas capitais e cidades do interior do país. Em matéria publicada na Folha de São Paulo, Caderno Fovest de 13 de set. de 2001, com o título “Cursos buscam conscientizar aluno”, a reportagem informa sobre a expansão desses cursos, principalmente a partir da segunda metade dos anos 90 e sobre a existência de 200 cursinhos em funcionamento em todo o Brasil.

outros que, saindo do ensino médio deficiente, não tinham condições para pagar um curso preparatório para o vestibular.

Resolvemos, depois de algumas reuniões, colocar todas aquelas idéias em prática; imaginávamos como seria, mas não tínhamos um lugar para funcionar, nem mesmo material didático para oferecer aos alunos. Muitas pessoas “desconhecidas” sensibilizaram-se pela proposta e somaram-se ao grupo. O nosso primeiro local de funcionamento foi no bairro Planalto, numa sala cedida por um centro espírita. Lá ficamos por seis meses. Com muita luta, conseguimos uma sala, mais arejada e ampla, na antiga reitoria, situada à rua Duque de Caxias e por lá ficamos alguns semestres.

A luta para permanecer dentro da Universidade foi marcada por momentos difíceis, tensões e conflitos com a reitoria da época, que não reconhecia essa proposta como instrumento importante para a inclusão de jovens de baixa renda ao ensino universitário. Foi neste momento que, diante das dificuldades em permanecer na UFU, buscamos o apoio de uma escola pública, onde ficamos por seis meses. Neste período, aumentamos o número de vagas e mais estudantes da UFU e de outra universidade local, e mesmo professores já formados, vieram colaborar. Era um momento desafiador, nós da coordenação tínhamos que revezar na vigilância da escola, que à noite tornava-se muito perigosa. Aprendemos a dividir responsabilidades com os alunos, que em grupos garantiam a limpeza das salas. Sem dúvida, em meio às dificuldades, fomos fortalecendo o grupo, em torno daquele ideal: um projeto educacional que atendesse às classes populares.

Na primeira oportunidade que surgiu, retomamos as discussões com a UFU e a direção resolveu nos atender, então, fomos para o Campus Educação Física e, posteriormente para o Campus Santa Mônica, onde estamos até hoje. Neste percurso, muitas pessoas se juntaram ao projeto Pré-vestibular Alternativo, colaborando de diversas maneiras, seja ministrando aulas, apoiando financeiramente, oferecendo cursos, palestras e seminários, dividindo as alegrias e frustrações nesta caminhada militante e comprometida com a melhoria da educação.

Os sonhos incompletos são os sonhos possíveis

O que nos tem motivado a continuar nesta caminhada árdua e ao mesmo tempo gratificante é a possibilidade de entrar em contato com realidades tão comoventes e admiráveis dos educandos. Vimos, ao longo desse período, várias pessoas de diferentes idades, sexos e raças sentarem nestes bancos escolares, muitos vencendo seus medos, o preconceito de classe, problemas familiares e financeiros para terem a oportunidade de se prepararem para disputar uma vaga na Universidade.

Neste período, aprendemos a ouvi-los, a registrar em nossas memórias seus nomes, suas dificuldades de estar em sala de aula, a falta de passes, o desemprego, tudo o que os impossibilitavam de continuar sonhando com algo que sempre lhes fora bastante sacrificado e, muitas vezes, negado: o direito à educação.

É estimulante ver nos rostos desses homens e mulheres, que ingressam no pré-vestibular alternativo, o desejo de continuarem estudando, aprimorando seus conhecimentos. Mais significativo ainda é ver que, cada vez mais, não só os jovens sentem essa necessidade de voltar aos estudos, mas também pessoas de diferentes faixas etárias.

Foi ouvindo esses educandos que aprendemos a entender mais claramente que o espaço do pré-

vestibular não era apenas o local da aula, mas o lugar de fazer amizades, encontrar os colegas, de enfrentar as dificuldades familiares, as doenças físicas e emocionais, de reinventar o lugar do estudo perdido, que em alguns depoimentos, ainda é combatido pelo marido/esposa ou pelos parentes com frases do tipo: "você está velho, deixa o estudo pros mais jovens" ou "o que você tinha que aprender já aprendeu".

Ao longo desses anos, o grupo compartilhou o sentimento comum de transformar a realidade social e, nas discussões, sempre nos remetíamos ao ideal de educação de Paulo Freire. Sua proposta transformadora sempre nos inspirou e nos ajudou a repensar a experiência no projeto e a criar a Associação Educacional Paulo Freire. Conforme FREIRE (2000), a *tarefa progressista é assim estimular e possibilitar, nas circunstâncias mais diferentes, a capacidade de intervenção no mundo, jamais o seu contrário, o cruzamento de braços em face dos desafios*.

Em todos esses anos, tivemos que lidar com uma realidade muito própria, trabalhando com professores voluntários, na sua maioria estudantes universitários, apesar de termos contado com professores formados. Esse grupo sempre foi muito heterogêneo, alguns apresentavam ter experiência de sala de aula, outros não, outros com um comprometimento para além das aulas, mas todos contribuíram significativamente. A coordenação, acreditando que a proposta só alcançaria os objetivos almejados, ou seja, a cumplicidade entre os envolvidos, no momento em que houvesse uma integração maior entre professores e alunos, teve como preocupação o estímulo ao contato e à interação entre os professores de diferentes áreas.

Esse tipo de proposta encontrou e ainda encontra dificuldades, principalmente por se tratar de professores que, na sua maioria, apenas ministram as aulas e não dispõem de tempo para participar das atividades internas. Muitos apresentam dificuldades para se deslocar até o local de realização das aulas, devido à falta de passes, o que tem provocado uma rotatividade significativa de professores. Esta situação poderia ser amenizada se pudesse ser criado, pelo poder público, um programa de apoio aos professores, em que estes receberiam bolsas e passes, fator importante para sua permanência no projeto e para o seu aprimoramento intelectual e profissional.

Outra questão também preocupante e que está diretamente relacionada à forma de atuação dos professores é como lidar com a realidade do aluno selecionado pela associação, considerando que o processo de seleção sempre teve como princípio atender pessoas da periferia, consideradas de baixa renda, não havendo para isso nenhuma prova eliminatória. Os alunos, geralmente, vêm de cursos noturnos, supletivos e de programas como Acertando o passo, Caminho da Cidadania ou o antigo Magistério, que não oferecem condições mínimas de formação no ensino médio. No intuito apenas de oferecer diplomas e melhorar os indicadores educacionais, muitos governantes usam a estratégia de formar mais estudantes a qualquer custo. Isto se reflete diretamente nas dificuldades de aprendizagem dos estudantes, muitos não conseguem acompanhar as aulas, apresentam defazagem de conteúdo e não sabem resolver problemas e desenvolver atividades consideradas "básicas".

Essa constatação nos sugere a criação de espaços de formação para os professores numa perspectiva de Educação Popular, em que o parâmetro de "qualidade" não seja o cursinho tradicional, mas o desenvolvimento das potencialidades dos educandos. O desafio é aliar os conteúdos programáticos exigidos no vestibular com a realidade social e econômica dos alunos. Para isso, torna-se necessário concretizar parcerias junto à Universidade Federal de Uberlândia

na perspectiva de contribuir para a formação desses professores.⁵

Atividades psicopedagógicas para além das aulas

Percebendo a necessidade de se criar um espaço em que os educandos pudessem contar e compartilhar suas experiências, histórias de vida e trajetórias escolares, ou seja, falar de si próprio e de suas dificuldades de aprendizagem, formamos, entre os colaboradores do projeto, a fim de um grupo de discussão e intervenção nos âmbitos psicológico e pedagógico⁶, atender às demandas específicas apresentadas por eles. O nosso desafio era ir além do que comumente existe enquanto prática nos cursinhos privados. Queríamos proporcionar uma interação maior com esses jovens e adultos, de diferentes idades, que despertavam para o estudo depois de anos fora da escola.

Nesse sentido, as reuniões com a Prof^a Gercina Santana Novais⁷, são significativas para a discussão de possibilidades de atuação, que não fossem apenas aplicação de modelos prontos e acabados, mas que valorizassem o lugar de onde vieram os educandos. A experiência de vida, a profissão, a cidade natal, o bairro onde moravam, a família, as dificuldades/facilidades de aprendizagem e a discussão com os próprios alunos sobre a construção dessas dificuldades/facilidades são o nosso foco de intervenção.

Mais do que discussões, este grupo realiza, a um ano, dinâmicas de grupo com os alunos, nas quais são tratados temas como: a cooperação, a motivação, o desafio, a importância da interação entre os colegas. Estes temas são desenvolvidos, tendo como eixos a construção do conhecimento, da ludicidade, de formação e a história de vida pessoal e escolar dos estudantes. Observando a descontração e a alegria com que a maioria das pessoas participa, pôde-se notar que elas incorporam o(s) personagem/personagens das dinâmicas. Colocam neles, o que gostariam de sentir ou a maneira como gostariam de agir. É como se fosse a representação de uma cena, em que eles seriam os atores.

Constatamos, por meio dessas dinâmicas, que a baixa auto-estima desses educandos está diretamente relacionada às suas trajetórias escolares e histórias de vida marcadas pelo abandono precoce dos estudos, face à necessidade de ajudar no sustento da família, tendo então, que abdicar do sonho de poder estudar. Um outro aspecto percebido, logo no início das dinâmicas, foi que muitos se sentiam constrangidos em participar das atividades, alguns em função da timidez. Conversando com alguns alunos, muitos disseram que nunca participaram de dinâmicas, outros, que aquele tipo de atividade não era necessária. Mas, para nossa surpresa, o desenvolvimento do trabalho foi conquistando mais alunos, despertando para a necessidade de transformar a sala de aula num espaço de confraternização, de conversa, de descontração, de reconhecimento de si e do outro.

⁵ Em relação a isso, a Universidade, por meio da Pró-reitoria de Extensão, Cultura e Assuntos Estudantis, tem contribuído, de maneira significativa, para a concretização de espaços de discussão e implementação de ações voltadas para a Educação Popular. Uma das ações foi a criação do Programa de Formação Continuada em Educação Popular e do Fórum Permanente Olívia Calábria.

⁶ Particularmente, no que se refere à intervenção psicológica, vale ressaltar a importância das reflexões produzidas na revista "Psicologia e Educação".

⁷ Psicóloga e Diretora de extensão da UFU, com quem nos reunimos periodicamente para discutirmos as experiências desses educandos e possibilidades de intervenção. Fazem parte do grupo ainda, a ex-aluna do projeto e atual aluna do curso de Pedagogia, Mavi, as alunas do curso de Psicologia, Érika e Fernanda, o professor de História, Edimilson e a pedagoga, Rosa Maria.

Em nossas avaliações em grupo das atividades realizadas, alguns alunos(as) colocam como vêm as dinâmicas: *mudei a maneira de ver o mundo, lendo através das dinâmicas. E, ainda,*

É uma auto-avaliação que traz para o nosso interior uma paz de espírito muito boa. É uma maneira de também abrir a boca e aprender a falar em grupos maiores, sou muito amiga, falo muito, mas na hora que vou falar o que acho de certas coisas para muita gente, é aí que o bicho pega.

Apesar da resistência, sempre me surpreendia, porque eu acabava gostando e relaxando ao final das atividades.

É um meio de nós valorizarmos mais o nosso eu, e também de conhecermos mais a fundo o que somos, e aprender a respeitar os direitos e pensamentos do nosso colega de sala.

Durante as dinâmicas, principalmente as mulheres, demonstraram a frustração e o desconforto ao dizer que não puderam estudar porque se casaram muito cedo, porque não tinham com quem deixar os filhos ou, ainda, porque o marido não as “deixavam” estudar, reproduzindo o mesmo autoritarismo e a mesma desconfiança do pai. Como revelam os depoimentos de algumas delas:

Choro em pensar que tive que abdicar do meu tempo, da minha preguiça para trabalhar fora e para as tarefas de casa. A preguiça era um pecado.

Morei na fazenda, tive uma família religiosa que limitou muito minhas possibilidades. Sempre tive vontade de estudar, mas nunca pude.

Voltei a estudar para curar a depressão.

Apesar de todos esses percalços, as mulheres, que são maioria no projeto, sempre demonstraram maior persistência em continuar estudando. Muitos aspectos necessitam ainda ser melhor diagnosticados dentro do universo feminino, no sentido de permitir um trabalho individual mais direcionado para as demandas desse grupo.

Uma das metas para o próximo semestre é a ampliação deste trabalho psicopedagógico para os professores, tendo em vista sua reivindicação pela constituição de espaços em que possam ser trabalhadas questões como a interdisciplinariedade, as relações interpessoais e a motivação, para que se reconheçam na proposta pedagógica em construção, qual seja, a valorização dos envolvidos no processo de ensino-aprendizagem⁸.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Vivemos, hoje, um momento importante de construção de políticas públicas para a educação

⁸ A Associação Educacional Paulo Freire oferecerá o primeiro curso de formação continuada para professores voluntários, com o objetivo de discutir a proposta político-pedagógica em Educação Popular.

popular. Temos assistido ao esforço de várias entidades representativas para se discutirem propostas de atuação e intervenção social na realidade não só local, mas também nacional. Consolidou-se, neste último ano, espaços de discussões como, por exemplo, dentro da Universidade Federal de Uberlândia e da própria prefeitura municipal. Nesses locais, os pré-vestibulares alternativos têm se reunido para buscar a melhoria da infra-estrutura e da capacitação dos envolvidos. Desse esforço inicial, outros pré-vestibulares têm sido criados, demonstrando a existência de uma demanda muito grande de jovens e adultos que necessitam retornar aos estudos, mas não tem condições de pagar por um cursinho pré-vestibular.

No entanto, uma questão se coloca: qual o verdadeiro papel de um pré-vestibular alternativo? É reproduzir a prática dos cursinhos privados? Pensamos que não. O objetivo maior dessas ações dentro de uma perspectiva de Educação Popular inclusiva é atender às classes populares e refletir sobre as experiências dos educandos, na tentativa de reinventar maneiras de se ter acesso a um saber transformador. Acreditamos que devemos repensar os espaços de formação das classes populares, no sentido de não reproduzirmos uma “educação bancária”, mas que sejam os capazes de formar cidadãos. Não podemos jamais nos desvirtuar do objetivo primeiro de nossa luta, que é a defesa da educação pública, gratuita e de qualidade aliada à ampliação de vagas na Universidade Pública.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

Caderno de Educação: Plano Nacional de Educação: Algumas considerações. Brasília: Núcleo de Educação, Cultura, Desporto, Ciência e Tecnologia (org.) n. 2. Nov. 2000.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia dos Sonhos Possíveis.** Ana Maria Araújo Freire (Org.) São Paulo: Editora UNESP, 2002.

_____. **Pedagogia da Indignação: Cartas Pedagógicas e outros escritos.** São Paulo: Editora UNESP, 2000.

CADERNOS DE HISTÓRIA. Universidade Federal de Uberlândia. Instituto de História, laboratório de ensino-aprendizagem em História. n. 8. v.1, 1999-2000.

Construindo o caminho numa escola de assentamento do MST. **Coleção Fazendo escola.** Edição: dezembro de 2000. ITERRA – Instituto Técnico de Capacitação e Pesquisa da Reforma Agrária, Setor de Educação MST.

PROJETO DE HISTÓRIA. Trabalhos de Memória. São Paulo: EDUC, N. 17, p. 1 – 495. Novembro de 98.

TANAMACHI, Elenita et. Alli. **Psicologia e Educação: Desafios teórico-práticos.** São Paulo: Casa do Psicólogo, 2000.

PLACCO, Vera Maria N. de Souza (Org.) **Psicologia e Educação: Revendo Contribuições.** São Paulo: Educ, 2000.